

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE HISTÓRIA ECONÓMICA E SOCIAL

---

# Revista Portuguesa de História

TOMO XVII

*HOMENAGEM AO DOUTOR TORQUATO DE SOUSA SOARES*

II



COIMBRA/1977

**SOBRE A ORIGEM  
DO ANTIGO GALEGO-PORTUGUÊS  
«OVENÇA» E «OVENÇAL»**

*Rien de plus facile à trouver avec le latin et un peu de réflexion...* (Gustave Flaubert, «Dictionnaire des idées reçues», art. *étymologie*).

Que esta maliciosa frase feita, alusiva ao pretensamente fácil trabalho do etimologista, pode por vezes conter um fundo de verdade, é o que por ventura se poderá depreender da nota etimológica que se segue.

*Ovença* e *ovençal* são termos bem conhecidos dos medievistas — pois ocorrem com relativa frequência na documentação antiga — desde que Santa Rosa de Viterbo os consignou no seu «Elucidário». Com efeito, não faltam hoje em nenhum dos grandes léxicos portugueses que se lhe seguiram, menos, infelizmente, nos expressamente ditos etimológicos, quer dizer os de Antenor Nascentes, J. P. Machado (1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> ed.), assim como o de V. García de Diego, onde seria natural encontrar alguma sugestão a respeito da possível origem daquelas palavras medievais (\*). É apenas no Novo Dicionário de C. de Figueiredo (6.<sup>a</sup> ed., 1939), essencialmente descritivo, que vamos encontrar duas tímidas hipóteses: «... do lat. *officium?* de *houve*, de *haver?*», mas bem se vê o seu carácter improvisado, pois ambas carecem de um suficiente fundamento histórico-fonológico. No que toca a

t<sup>1</sup>) O Dicionário Etimológico de Adolfo Coelho regista *ovença* sem qualquer comentário etimológico.

OFFICIUM (2), é bem sabido que este vocábulo cedeu, na tradição românica, o passo a DEBÈRE, sendo *oficio* um puro latinismo. Quanto à segunda alternativa, é inconcebível fazer derivar um substantivo abstracto em *-ença* com base no tema de um perfeito como *houve*. Quanto à ideia, de certa forma análoga, que se lê no Grande Dicionário de F. Silveira Bueno: «Parece-nos que seja o mesmo que *avença*, de HABERE, *haver*, outrora escrito *aver*», está também longe de ser admissível, não só por não se ver qualquer motivo de uma troca da sílaba *av-* em *ov-*, mas também por nunca ter existido, do tema de HABÈRE, um substantivo derivado em *-ENTIA/-ença* (3), radi-cando-se o port, *avença*, ant. *aveença*, em AD-VENIENTIA, quer dizer AD-VENIRE = *avir*, ant. *aviir*.

Nenhum dos referidos lexicógrafos e dos seus continuadores respectivos reparou que, já faz meio século, Meyer-Lübke, na 3.<sup>a</sup> edição do sempre actual *Romanisches etymologisches Wörterbuch* (1935), art. 778a, subordinou ao étimo AUDIENTIA uma pretensa forma antiga *ouveença*, com *ouv-*, e o seu derivado *ouvençal*. Acontece, porém, que o grande mestre foi vítima de uma inadvertência de leitura, fatal para essa etimologia, que à primeira vista parece tão sedutora. Com efeito, entre as numerosas abonações da nossa antiga palavra, ela não aparece uma única vez grafada *ouv-*, mas sempre *ov-*: *oveença/ovença*, o que toma ilusória qualquer possível conexão com o tema de *ouvir*: AUDIRE.

Bem ponderados todos os aspectos do problema, a única etimologia de *ovença*, capaz de plenamente convencer, é o lat. OBEDIENTIA (4). É o próprio Viterbo, aliás, que fornece a chave da boa expli-

(2) É esta a etimologia que o Dicionário de Caldas Aulete, 3. ed. (1948), aceita sem restrição.

(3) É, segundo se sabe, o simples infinitivo que desempenha essa função: *o aver, os averes*.

(4) Du Cange define a nossa palavra, sob o art. *obedientia*, como significando: «munus ac officium omne monasticum, quod *obedientiam* injuncitur vel confertur, adeo ut ipsum munus Abbatis *Obedientia* sit — et ita appelletur a Gregorio VIL...». — No francês arcaico distingue-se nitidamente entre *oiance* 'action d'entendre', e daí «redevance qui se payait pour l'entretien du lieu où l'on donnait audience, ou pour les gages du juge», e *obedience*, prov. *obediensa* 'obéissance au supérieur, en parlant des religieux', secundariamente 'couvent dépendant d'une maison principale' (W. von Wartburg, FEW VII, p. 277 s.). A diferença fundamental entre o latinismo

## *A origem do antigo galego-português «ovença» e «ovençal» 21*

cação no artigo *obediencia* do Elucidário, onde, definindo este termo do latim medieval, diz «o mesmo que *ovença*», abonando aquele latinismo através de um passo dum documento de 1414: «Elvira Mendes, prioreza da Espiunca, doou uma herdade a João Guilherme, seu Abbade (confessor) e a Martinho Pirez seu sobrinho e afilhado, a qual por morte d'ambos ficaria livre *a(d) Obedientia de Conduitaria*», o que manifestamente se refere à administração do *conduito*, ou seja da dispensa, do depósito dos mantimentos do convento. Analogamente existia uma *Ovença da vestiaría*, à qual se refere um documento do ano 1372, também citado por Viterbo. A significação de *ovença* ressalta ainda claramente de um texto (Elucidário, pp. 191b-192a), onde se lê que no ano de 1372 «se queixarão os Prelados d'Entre Douro e Minho a EIRei D. Fernando de que os Fidalgos, não querendo pousar nos Paços e Hospedarias, como costumavão, quando hiam a comer as suas Comeduras: *Vam pousar nas Clastas e Cameras dos Prelados, e nas Oveenças dos Conventos com seus cavallos, e com as molheres do segre (meretrizes) e com outras companhas*».

Temos, aliás, a impressão de que Viterbo não se teria dado inteiramente conta da identidade histórica de *ovença* com o cultismo *obediência* <sup>(5)</sup>, devido à grande disparidade, no plano fonológico como no semântico, que se manifesta nessas duas formas divergentes de OBEDIENTIA. É, na verdade, curioso observar que o derivado *ovençal* figura ainda no Elucidário sob o lema *aveençaes*, acompanhado das variantes gráficas *hoveençaes*, *oveençaes*, *ovençaes*, *oveençaes*, e através do passo abonatório respectivo vislumbra-se com efeito um falso relacionamento de *ovença* com *avença* 'convénio', voz a que nos referimos linhas abaixo. Através dos elementos adicionais trazidos por Mário Fiúza na sua reedição crítica da obra de Viterbo <sup>(6)</sup> depreen-

medieval francês e o port, *ovença* está em que aquele se refere a uma dependência de carácter estritamente religioso, e o termo português a uma dependência de carácter económico, embora sob a alçada de um mosteiro.

<sup>(5)</sup> O verbo português *obedecer* é evidentemente também um latinismo, sem que haja o menor indício de se ter esboçado uma evolução popular para *\*ove(e)cer*.

<sup>(6)</sup> Cf. pág. 652 s. — Pena é que não disponhamos de um comentário análogo para a voz *ovença*, pois o trabalho crítico do Editor não vai praticamente além da letra A, quer dizer do primeiro volume. Assim ficaram lamentavelmente desapro-

de-se também ser *avençai* de cerca de dois séculos mais recente que *avença*, surgindo esta forma no séc. XIII (1274), e aquela só no séc. XV, nas Ordenações Afonsinas. O declínio do ant. *ovença* seria, pois, devido à interferência contaminadora por parte do quase homónimo *avença*, ant. *aveença*. Note-se que, nas redacções mais recentes da Regra de S. Bento (versões A e B) (7), o ovençal passa a chamar-se *daião* ou *decano*, e a ovença *decania* = ant. *deganha* (8). A redacção mais antiga, (C) (9), tem todo um capítulo dedicado aos *ovenças dos mōesteiros*, no qual se definem as obrigações inerentes a esse cargo da confiança do abade, e onde se lê que «seiam estabelecidos *oueenças* que agam aguça ã totalas cousas sobre sas *oueenças*, segundo o mādado de Deus e os ícomēdamētos de seu abade, os quaes ouveēcaes taes seiã eligudos, nos quaes o abade parta os seus ícarregos».

A forma fonética particular de *ovença*, ao extremo evoluida, revela que o nosso termo latino-monástico chegou a fundir-se na fala comum, através de escalões como *obediença*, *obedeença*, *obeença*, *obencia*, todos documentados (10). Estaríamos em presença de uma espécie de secularização, no plano linguístico, de uma voz conventual latina primitivamente abstracta, que adquirira um sentido concreto-material, o de repartição que cuida das necessidades corporais dos monges, e que, nesta qualidade, não podia deixar de estar em estreito contacto com meios populares, leigos.

Depois do que ficou dito, compreende-se que *ovença* chegasse a criar raízes na toponímia. É verdade que os raros exemplos conhe-

veitadas, na sequência da obra, algumas centenas de observações e correcções da autoria de Leite de Vasconcelos, publicadas precisamente sob o título de «Observações ao 'Elucidário' do P.<sup>e</sup> Santa Rosa de Viterbo, na Rev. Lusitana, vol. XXVI (1925-27), pp. 111-146, e XXVII (1928-29), pp. 243ss., reimpresso em Estudos de Filologia Portuguesa, Selecção de Serafím Neto, págs. 231-296.

(7) Ver J. J. Nunes, Evolução da língua portuguesa exemplificada em duas lições [...] da Regra de S. Bento e ainda nos fragmentos da mais antiga que se conhece. Sep. do Boletim da 2.<sup>a</sup> classe da Academia de Ciências de Lisboa, vol. XVI. Coimbra 1926.

(8) Nunes atribui-a ao séc. XIV, mas cremos que remonta a um protótipo bastante mais antigo.

(9) Ver no Elucidário o art. *daganha*.

(10) Cf., além do Elucidário, o fundamental trabalho crítico de Ramón Lorenzo: Sobre cronologia do vocabulário galego-português. (Anotações ao Dicionário etimológico de José Pedro Machado). Vigo 1968.

eidos se limitam à Galiza, onde de resto as abonações documentais da nossa palavra parece abundam ainda mais do que em Portugal <sup>(n)</sup>- Os nomes de lugar a que aludimos são: *Obenza* (Lueda, mun. de Pi ñor, prov. de Orense) e *Ovanza* (Balmonte, mun. de Castropol, prov. de Lugo) <sup>(12)</sup>. No que toca a *deganha*, sucessor, por assim dizer, de *ovença*, lembramos o nome da freguesia de *Adeganha* (no concelho de Moncorvo, distr. de Bragança) e de um lugar homónimo situado na fr. de Mesãozinho, conc. de Guimarães <sup>(13)</sup>.

A aludida decadência de *ovença*, no âmbito monástico <sup>(14)</sup>, manifesta-se ainda, no galego, pela sua substituição por outro termo concorrente, que é *grana*, a forma legítima popular saída do lat. GRĀNEA, = ‘celeiro’, por sua vez cedo substituída pelo galicismo (cisterciense !) correspondente *granja* / *granxa* < fr. *grange* <sup>(15)</sup>. Basta um exemplo entre muitos para ilustrar esta inovação. Num foro outorgado pelo

<sup>(n)</sup> Colección Diplomática de Galicia Histórica I, p. 500.

Numa única página nada menos de cinco abonações (num codicilo dum testamento de D.<sup>a</sup> María Yáñez, do ano 1305):

«Et mando a quinta da adegá [.....] a o moesteiro de Mellon para teer o viño da *ouvença* do pan branco que eu mandey a esse moesteiro

«Et mando a Maria Eans mia criada aquella casa en [...] que a dita cassa fffique a *Mellon* para a *oveenza* do *pan branco* et tollelle (a) a outra cassa que esta ena rrua dos Esqualleiros [...] e os paños que mandey en meu testamento aus *ovenzas* de Mellon outorgo quellos dou polo que ouven dessas *oveenzas* do que delias / tive que lie non paguey como devera». — Note-se a referência a urna *oveenza de pan branco*, que completa a de *vestiaria* acima citada.

<sup>(12)</sup> Não estamos de acordo com J. Corominas quando (em *Toponimia Hispérica*, I (1971) p. 15) integra esses nomes numa série de topónimos pré-românicos caracterizados pelo elemento -ENTIA, embora admita também a possibilidade de se tratar do lat. AUDIENTIA, quer dizer a etimologia acima por nós refutada com vista a *ovença*. Abstraímos aqui de um caso duvidoso como *Oencia* (Vila Franca del Bierzo). O capítulo da obra respectiva de Corominas intitula-se «De toponomástica hispana. Juicios, planes y tanteos».

<sup>(13)</sup> A este nome de lugar já se referiu Leite de Vasconcelos nas acima citadas Observações ao Elucidário, s.v. *daganhas*, indicando as formas antigas *Degania* (séc. XI) e *Adegania* (séc. XIII).

<sup>(14)</sup> A carreira posterior de *ovença* e *ovençal* na administração pública foi estudada, com autoridade, por Gama Barros; cf., p. ex., o art. *ovençais* no Dicion. de História de Portugal, onde falta, porém, um artigo paralelo *ovença*.

<sup>(15)</sup> Ver o nosso estudo «A propósito do topónimo galego *grama* e outros descendentes do lat. GRAN-EUS, -EA», publicado na revista *Ibérica*, fase. 5, Rio de Janeiro 1961, pp. 141-145.

abade do convento de Sobrado no ano de 1474 lê-se: «... e mais vos avedes de dar et pagar por renda et foro et çenso dos ditos nossos lugares de Segelle et do Grueyro et ao dicto nosso mosteiro ou a qual quer *ovençal* da dieta nossa *grana* de Camées en cada año çinquo cór-telas de pã limpo do poo e da palia...»<sup>(16)</sup>.

Concluimos assim a nossa disquisição, incompleta sob bastantes aspectos históricos, mas não sem resistir à tentação de voltar ao malicioso chiste, que encabeça a presente miniatura lexical, recolhido por Flaubert: «*Etymologie: Rien de plus facile à trouver...*», precisando no entanto: *mais il ne faut pas se tromper de piste...*<sup>(17)</sup>

JOSEPH M. PIEL

<sup>(16)</sup> Ver A. Martínez Salazar, Documentos gallegos de los siglos XIII al XVI, p. 155. Cf. ainda outro exemplo de *graña* no seu respectivo contexto: «Iten me desenbargo para senpre ao dito mosteyro de Monffero de todas las herdades et cassares et iglesias et *granas* [leia-se *granás*] et coutos et posysoes et rendas que eu oora teño ... (ibid. p. 119).

<sup>(17)</sup> Já redigida a presente achega, tive a satisfação de verificar que o sempre perspicaz P.<sup>e</sup> Sarmiento já tinha a intuição da boa explicação de *ovenza*. Com efeito, lê-se no seu inesgotável tesouro lexicológico que é o «Catálogo de voces y frases de la lengua gallega», a pág. 293 (= fól. 87v.) da edição de J. L. Pensado (1973) — numa colecção de «voces gallegas sacadas de pergaminos», concretamente um documento do arquivo de Lérez, do ano 1326—: «*A ovenza dá enfermería, y en otras partes á ovenza da vestearia. Teigas de castañas á ovenza dá cocina* (a disposición o *obediencia* y para gastos, o de *obvenio* obventus.» Embora se deva excluir agora esta última hipótese, ela mesmo assim não deixa de ser bem ideada, pois desde que admitamos uma noção especial de OBVENIRE, um derivado ♦OBVENIENTIA haveria de conduzir também, em teoria, a uma forma galega *ovenza*.